



IARTEM e-Journal Volume 9 No 1

Volume 9 No 1

Materiais Didáticos para ensinar Arte: questões para a docência e para a formação de professores

Mauren Teuber

Resumo

Relata resultados de investigação que teve como objetivo captar elementos da relação entre professores e materiais didáticos de Arte. O estudo vai ao encontro de referenciais teóricos que assumem que concepções de conhecimento escolar, professor e aluno não são inocentes, bem como os materiais didáticos e a forma escolar que está presente neles. Busca aproximações à disciplina de Arte para a compreensão da imagem da disciplina no cenário escolar. Do ponto de vista empírico, os dados foram produzidos a partir de uma investigação com professores de Arte que atuam na rede pública estadual do Paraná. Foram aplicados dois instrumentos, na forma de questionários, com a finalidade de realizar um primeiro nível de aproximação com os sujeitos colaboradores, na direção de identificar suas opiniões e escolhas com relação à presença de materiais didáticos nas aulas de Arte. A análise aponta algumas limitações sentidas pelos professores, revelando avaliações fortemente marcadas pelas condições objetivas do trabalho docente e na expressão da ideia de que alguns professores são produtores do conhecimento sobre o ensino. Os resultados evidenciam elementos da relação positiva dos professores de Arte frente aos materiais, entendendo-os como uma das diversas possibilidades de ensino, sem deixar de apontar suas restrições a eles.

Palavras-chave: Ensino de Arte, Formação de professores de Arte, Material didático de Arte, Disciplina de Arte.

IARTEM e-Journal Volume 9 No 1 Materiais Didáticos para ensinar Arte: questões para a docência e para a formação de professores. Mauren Teuber 103-121

Abstract

This study reports results of an investigation which had the objective of capturing elements of the relationship between teachers and Art teaching materials. The study is supported by theoretical references which aim to point out that conceptions of school knowledge, teachers and students are not innocent, as well as the teaching materials and the school form present in them. This document searches approximations for the subject of Art for the comprehension of the status of this subject in the school. From the empirical standpoint, the data were produced from an investigation with Art teachers from the Paraná State public schools (southern Brazil). Two surveys were conducted, in the form of questionnaires in order to identify their opinions and choices regarding the presence of didactic materials in Art classes.. The presented results points out elements of a positive relationship among Art teachers and the teaching materials which are used as one of many possibilities of teaching, beyond its recognized restrictions.

Keywords: Art Teaching, Art Teacher Training, Art Teaching Material, Art school subject.

Resumen

Relata resultados de informes de investigación que han tenido como objetivo general mapear materiales didácticos utilizados para enseñar Arte y captar elementos de la relación entre profesores y materiales didácticos de arte. El estudio va de encuentro a referentes teóricos que señalan que concepciones del conocimiento escolar, profesor y alumno no son inocentes, así como los materiales didácticos y la forma escolar que está presente en ellos. Busca acercamientos con la disciplina de Arte para la comprensión de la imagen de la disciplina en ámbito escolar. Desde el punto de vista empírico, una investigación se llevó a cabo con profesores de arte de las escuelas públicas del Estado de Paraná. Dos cuestionarios aplicados permitieron conocer lo que piensan los profesores acerca de la presencia de materiales didácticos en clases de arte. Los resultados analizan elementos de la relación positiva de los profesores de arte frente a los materiales entendiéndolos como una entre las varias posibilidades de enseñanza, no obstante señalando sus restricciones a ellos.

Palabras clave: Enseñanza de Arte, Formación de los profesores de Arte, Materiales de enseñanza del Arte, Disciplina de Arte.

Introdução

O presente artigo tem como objetivo contribuir com algumas percepções sobre o que pensam os professores de Arte a respeito da presença de materiais didáticos nas aulas de Arte. As investigações no conjunto das pesquisas educacionais sobre materiais didáticos em Arte ainda são pouco frequentes. A busca em diferentes bases de dados

revela um reduzido número de investigações que identificam materiais didáticos em Arte ou que investigam as funções que estes desempenham nas condições concretas de ensinar, na compreensão das práticas de seus usos no cotidiano escolar. Contudo, constata-se a existência de uma crescente produção paradidática e de livros didáticos de Arte direcionados aos professores.

Os temas das investigações sobre os materiais didáticos são diversos e referem-se a pontos de vista distintos, tais como a História da Educação; os processos de escolha ou seleção dos materiais; os próprios materiais (discussão de análise do conteúdo, por exemplo); os usos no ensino (por professores e alunos); e sobre as condições de produção e distribuição.

Decorre que os saberes definidos oficialmente e traduzidos nos livros e materiais didáticos, além de adquirirem sentidos múltiplos conforme a apropriação docente, modificam a prática de ensino dos professores. Vários autores destacam como fundamental repensar os processos que envolvem os materiais didáticos como elementos essenciais do cotidiano escolar e da formação docente (Teixeira, Bufrem & Garcia, 2012).

Cabe ressaltar aqui que as concepções de conhecimento escolar, professor e aluno não são inocentes, bem como os materiais didáticos e a forma escolar que está presente neles, pois historicamente resultam de um processo contínuo de seleção cultural e de um processo de didatização (Forquin, 1993).

Assim, os materiais didáticos expressam um processo de seleção dos conhecimentos culturais significativos em dado tempo e lugar e são constituídos por escolhas e em nome de determinados propósitos educativos. A escolha de alguns conhecimentos em detrimento de outros, na qual se priorizam ideias, conceitos e valores, coincide com os interesses de grupos ou sociedades que, de alguma forma, são detentores do poder de decisão. Essas considerações orientaram a investigação realizada.

Nessa perspectiva, o texto inicia apresentando um estado da arte sobre o tema; em seguida, apresenta algumas aproximações à disciplina de Arte para a compreensão da imagem da disciplina no cenário escolar brasileiro; apresenta os procedimentos metodológicos do estudo qualitativo e exploratório baseado em dois questionários, bem como os resultados alcançados; e finaliza com algumas considerações sobre os resultados e perspectivas.

Materiais didáticos de Arte

A distribuição gratuita de coleções de livros didáticos aos estudantes do ensino fundamental da rede pública de ensino brasileira teve diversas mudanças na década de 1980, quando o Governo Federal iniciou o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Na primeira década do século XXI, institui-se gradativamente o Programa

Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio (PNLEM), inicialmente feito apenas com distribuição parcial para as disciplinas de matemática e português. Atualmente, o programa atende todas as disciplinas que compõem tradicionalmente os currículos escolares, para toda a escola básica.

Assim sendo, devido à abrangência e aos recursos financeiros que movimenta, pode-se afirmar que o livro didático, no caso brasileiro, é uma ferramenta de ensino presente nas escolas públicas e que gera uma grande disputa entre as editoras comerciais. Nesta perspectiva de análise, o livro didático é, segundo Apple (1995), um produto do mercado e para melhor compreender sua utilidade como instrumental pedagógico é preciso considerar também elementos de caráter comercial, como a produção, a distribuição, o consumo e a difusão.

Contudo, apesar de ainda ser recente a inclusão de livros didáticos de Arte no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), é visível nos últimos anos a crescente presença de coleções de livros didáticos para a disciplina de Arte no mercado editorial como produto que agrega um diferencial às suas vitrines. Ao mesmo tempo, constata-se a existência de uma crescente produção paradidática; trata-se de uma quantidade significativa de materiais didáticos – que não apresentam necessariamente as características de livro – disponibilizados por instituições públicas ou privadas, como museus, centros culturais e bienais (por meio de exposições sistemáticas).

Esta produção de materiais didáticos está atrelada ao significativo interesse pela realização e promoção de exposições de Arte, percebido nos últimos vinte anos no país, por parte de instituições brasileiras formadas por grupos financeiros privados, tais como Santander Cultural, em Porto Alegre; o Itaú Cultural, em São Paulo; e o Centro de Arte Contemporânea, em Inhotim, na região metropolitana de Belo Horizonte, Minas Gerais. Instituições ligadas ao setor público, no mesmo sentido, vêm ampliando e investindo em espaços expositivos, como é o caso do Centro Cultural Banco do Brasil (RJ), Caixa Cultural (SP, RJ, PR), Instituto Tomie Ohtake (SP), Museu de Arte Contemporânea de Niterói (RJ), Museu Oscar Niemeyer (PR), Pinacoteca de São Paulo (SP), Fundação Iberê Camargo (RS), Fundação Bienal Mercosul (RS) e a Bienal de São Paulo, dentre outros.

Atrelada às grandes exposições, principalmente de Arte contemporânea, desde a década de 1990, observa-se uma redefinição do estatuto da mediação educacional nestes espaços museológicos. Isto representa investimentos nos setores de ações educativas, em equipes de mediadores que recebem grupos distintos, principalmente vindos de escolas, e, mais especificamente relacionada ao objeto desta pesquisa, na elaboração de materiais didáticos que são disponibilizados aos visitantes e aos professores, possibilitando informar e orientá-los na continuidade de atividades e reflexões iniciadas nos espaços museológicos.

Para Cayo Honorato (2011: 114), a denominada internacionalmente “virada educacional”, que incorpora a educação às práticas artísticas e curatoriais, é, por extensão, política. O crescente número de projetos educativos ou programas de mediação, que em geral se tornam números contabilizados em relatórios em favor da responsabilidade social dos patrocinadores e das fundações, compondo muitos dos requisitos para a obtenção de subsídios proporcionados pelas leis de incentivo à cultura, assumiu um lugar de destaque na economia das exposições de Arte. Sintetizando, Honorato (2011) chama a atenção para o sentido dessa mudança, ou seja, para o uso desses programas educativos como instrumento de *marketing* da lógica corporativa privada ou governamental, que objetiva benefícios fiscais, da mídia e também eleitores.

Fica claro na advertência de Honorato (2011: 117) que este não é um campo neutro: “[...] o que os educadores consequentes não devem ignorar, sob o risco de serem inadvertidamente porta-vozes dessa lógica, é que os programas educativos são lugares de uma disputa ideológica”.

Por outro lado, deve-se destacar a primeira edição, em 2015, de livros didáticos de Arte no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). O edital de 2015 foi destinado aos estudantes e professores do Ensino Médio das escolas públicas federais e às escolas que integram as redes de ensino estaduais, municipais e do Distrito Federal, participantes do PNLD. O edital de 2016 foi destinado à aquisição de livros didáticos de Arte para o Ensino Fundamental I (4º e 5º anos de escolaridade) e o edital de 2017 para o Ensino Fundamental II (6º, 7º, 8º e 9º anos). As obras selecionadas pelo PNLD incluem o livro impresso e conteúdos multimídia, contendo Objetos Educacionais Digitais que se apresentam em diversas modalidades, tais como jogos eletrônicos, simuladores, vídeos ou infográficos. É necessário afirmar que os livros selecionados pelo PNLD mantêm a polivalência (abordam várias linguagens artísticas), com algumas exceções.

Certamente, diante desta profusão de materiais didáticos para o Ensino de Arte, sejam eles vinculados ou não a exposições de Arte, coleções de livros escolares produzidos por editoras, ou mesmo materiais produzidos por professores responsáveis pelo processo de ensino e aprendizagem, é relevante e necessário olhar cientificamente para esses materiais.

Os materiais didáticos são entendidos, aqui, como recursos para o ensino. Mas, para além disso, assume-se nesta pesquisa que eles são elementos que materializam concepções sobre o conhecimento a ser ensinado, sobre o que é ensinar e aprender determinada disciplina e, ainda, as intenções educativas e didáticas dos sujeitos que o produziram, em determinadas circunstâncias e condições objetivas.

As aulas de Arte no Brasil, os materiais didáticos e a formação do professor

É preciso ressaltar que Arte é uma matéria nova entre disciplinas escolares do Brasil e, segundo Rossi (2014), talvez seja das disciplinas a que tem a mais peculiar trajetória de inserção na educação formal no país. Não se pode desconsiderar que o marco regulador foi a reforma educacional de 1971, Lei nº 5.692, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 5.692/71) que introduziu a obrigatoriedade da Educação Artística nos currículos escolares do ensino fundamental e médio.

Esta lei tornou obrigatória aos professores a formação em cursos superiores, de formação polivalente, capacitando-os a ensinar diferentes linguagens artísticas – artes plásticas, música, teatro e dança – em suas aulas. Nesta ocasião, para o cumprimento da lei, surgiram cursos de rápida duração, ou seja, cursos superiores de duração de dois anos, formando professores para atuar em todas as áreas artísticas, em acordo com a ideia, normatizada naquele momento, de atuação na realização de atividades artísticas diversas com os alunos. É datado da Ditadura Militar (1964-1985) o senso comum de que Arte é uma área de formação polivalente, e essa concepção foi entendida criticamente como uma forma de minimizar o potencial crítico e expressivo dos sujeitos.

A manutenção da polivalência ainda hoje persiste em grande parte dos estados brasileiros, assim como o imenso número de docentes com formações distintas atuando nas aulas de Arte (Loponte, 2010: 227), mesmo com a aprovação da nova Lei nº. 9.394 (Brasil, 1996, Art. 26, § 2º), em 1996, que estabeleceu que o ensino da Arte constitui “componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”.

A polivalência é ainda uma das questões centrais no debate sobre as dificuldades enfrentadas pela disciplina, por pressupor que o professor que trabalha com uma linguagem artística específica deve ter também o domínio dos conhecimentos básicos das diferentes linguagens artísticas – Artes Visuais, Música, Teatro e Dança. Ao observar os livros de Arte distribuídos pelo PNLD, rapidamente pode-se notar as quatro linguagens artísticas em um mesmo livro (Artes Visuais, Dança, Música e Teatro).

Para Romanelli et al. (2016), trata-se de um paradoxo da interdisciplinaridade porque se por um lado existe um diálogo interdisciplinar entre as diferentes linguagens artísticas, por outro lado a contemplação de quatro linguagens em um mesmo livro reflete o caráter polivalente da disciplina de Arte, que é geralmente ministrada por um único professor. Assim, “por essa razão, tem fragilidades de formação docente, já que deveria contemplar quatro áreas de conhecimento com especificidades complexas, o que nenhum curso de formação de professores consegue atender com qualidade”. (Romanelli et al., 2016).

Para Penna (2007), permanecem a indefinição e a ambiguidade do que ensinar, uma vez que a expressão “ensino da Arte” é imprecisa e suscetível a interpretações, o que requer uma precisão maior em sua definição. Educação Artística, Arte-Educação, Arte, Ensino da Arte, a discussão da própria nomenclatura da disciplina, para Loponte (2010: 226), é interminável: “[...] nomeamos com as palavras arte e educação – acompanhadas de hifens, travessões ou o que valha”.

Na verdade, não se constitui uma novidade o fato de que o professor de Arte e o próprio ensino da Arte são ambos vítimas de um lento e gradual processo de desvalorização, que envolve os professores e as disciplinas que participam do currículo das escolas de ensino formal no Brasil. Sobre esta questão, Buoro afirma que:

A preocupação e o engajamento na tentativa de compreensão e superação da contradição valor/não valor encaminham à percepção de que persistem na formação do educador de Arte problemas que tendem a acentuar-se, comprometendo a já combatida imagem que ele e sua disciplina sustentam na realidade das escolas brasileiras (Buoro, 2003: 60).

A autora afirma que o professor de Arte contribui para o enfraquecimento de seu objeto de trabalho na medida em que no ensino de seus conteúdos vê-se reduzido à condição de ilustração para propostas de outras disciplinas (Buoro, 2003: 61).

A presença da Arte na escola é, muitas vezes, justificada por contribuir para o desenvolvimento da criatividade e da coordenação motora, limitando o ensino a uma prática pedagógica centrada em técnicas “apropriadas” para a destreza manual, confundindo-se conteúdo com o desenvolvimento da habilidade, como, por exemplo, o exercício do “desenho livre” até as famosas dobraduras (Schlichta, 2009: 32). Do mesmo modo, afirma a autora, há lugar para a livre expressão, uma prática que privilegia a espontaneidade, a sensibilidade imediata, o acaso. Contudo, ela explica que

[...] não existe uma espontaneidade natural nem liberdade por si só criativa; muitas vezes ela é confundida com invenção. Longe de ser uma atitude natural (inata), a invenção é um aspecto inseparável do fazer denominado artístico, indispensável inclusive para a efetiva autoexpressão; conseqüentemente, ela exige domínio, conhecimento da arte, inclusive dos artistas (Schlichta, 2009: 32).

Para além destas visões, há lugar também para o entendimento redutor e predominante da Arte como puro entretenimento, com conteúdos que não podem ser aprendidos, pois têm como fonte a inspiração e, diante desta perspectiva, pode-se entender em parte por que as aulas de Arte são “espremidas” entre as atividades “sérias”, relegadas a um segundo ou terceiro plano no sistema educacional.

O que fazer diante da persistência da presença dos já arcaicos e já tão duramente criticados desenhos estereotipados prontos para colorir ? Ou ainda diante da insistência em confundir Arte com a elaboração de decorações festivas ou presentes para as datas comemorativas? Estes exemplos, aparentemente já ultrapassados, continuam existindo nas escolas (principalmente na educação infantil e nos anos iniciais

do Ensino Fundamental), muitas vezes com algumas variações mais “modernas”, ou alguns disfarces sutis (Loponte, 2010: 237).

Na verdade, a participação nas festividades se faz conforme o calendário de comemorações cívicas e culturais da escola, por meio da confecção de adereços específicos para os eventos, muitas vezes desprovidos de sentido para a criança e para o professor, que tenta integrar as atividades desenvolvidas para enfeitar as festas aos “conteúdos normais”. Nota-se ainda, em algumas escolas, a realização de tais eventos como uma exigência a ser cumprida, da qual o professor de Arte não pode fugir e que deve assumir um caráter prioritário no planejamento (Teuber, 2004: 49).

Muitas vezes a Arte que está na escola, a Arte “escolarizada” nas aulas de Arte, para Loponte (2005: 17), perde seu caráter transgressor e subversivo da invenção, da Arte como uma prática criadora, pois é no cotidiano escolar, ali no corredor ou na sala dos professores, nos comentários e murmúrios apressados, rápidos e aligeirados, que algumas noções sobre Arte se disseminam, sem quase a menor suspeita dos textos primeiros dos quais elas se originam.

A autora inclui a sua crítica ao que chama de livros “pedagógicos” – alguns livros didáticos para Arte –, nos quais os discursos, ou seja, os comentários e murmúrios a que se refere, são repetidos incansavelmente e tornam-se comuns, reforçando o precário entendimento de Arte.

Muitas destas práticas são constantemente alimentadas por um mercado editorial que aposta na ignorância docente e na busca por receitas fáceis. Publicações como *O Dia-a-dia do professor* e *A professora criativa* são quase como “pragas” nas escolas infantis e anos iniciais, e também entre estudantes de Pedagogia. Com uma linguagem mais acessível, estas editoras e seus livros têm uma aceitação maior nas escolas do que os textos acadêmicos originados em pesquisas realizadas nos cursos de pós-graduação ou outras publicações da área (Loponte, 2010: 238).

Outros problemas se acumulam, mas por último, e não menos importante, deve-se fazer referência à inegável apropriação da Proposta Triangular por um grande contingente de educadores em Arte no Brasil, mas também a sua degeneração, como alegado por sua própria autora. (Barbosa, 2008: 14).

A Proposta Triangular para o ensino da Arte, sistematizada por Ana Mae Barbosa, foi difundida no país no início dos anos 90, tendo como premissa básica a integração entre o fazer artístico, a leitura da obra de arte e a contextualização artística. Ana Mae foi uma das principais autoras, talvez a primeira, a partir dos anos 80, a tratar a problemática da leitura de imagem no ensino da Arte. A notoriedade alcançada pela proposta confronta-se com diferentes polêmicas, como a crítica, tão onerosa para Ana Mae, que se refere à disseminação da prática chamada de releitura – prática que marcou de tal modo a proposta estigmatizando-a, levando a equívocos de considerá-la e resumi-la a um exercício de cópia e a um fazer artístico.

Ora, o que significa essa degeneração, frequentemente atribuída a “interpretações errôneas” dos professores ao se utilizarem da Proposta Triangular? Embora a proposta ainda hoje ocupe posição central nas aulas de Arte, evidencia os equívocos inerentes à sua apropriação de modo aligeirado por boa parcela de educadores de Arte. Contudo, pode-se afirmar, contraditoriamente, que esta degeneração da proposta, tornando-a uma receita instantânea de duvidosos e repetitivos exercícios escolares, decorre do modo como foi endereçada aos professores/educadores ou de sua própria formulação.

A formação de professores em Arte é um dos pontos cruciais, quase sempre relacionados a uma formação inicial precária, sobre a qual têm se assentado o discurso e a prática de muitos educadores, modelados no senso comum de que é desnecessária uma formação mais consistente, já que a Arte destina-se a poucos dotados de talento inato. Portanto, Arte não se aprende nem se ensina.

Sem sombra de dúvidas, a fragilidade e a insegurança teórica, advindas de qualquer formação docente precária, ainda que não compreendidas pelo próprio professor, constituem, via de regra, um albergue para o crescimento e a cristalização de modos de fazer acríticos, de soluções simples, não contraditórias – explicações teórico-metodológicas de caráter paliativo e guias de caráter eminentemente metodológico, aos quais os professores, como forma de defesa, se apegam. Este ciclo vicioso de vazio teórico, no campo ainda incipiente do ensino da Arte, sequestra a autonomia dos professores, ou seja, as possibilidades de crítica epistemológica.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte:

A questão central do ensino de Arte no Brasil diz respeito a um enorme descompasso entre a produção teórica, que tem um trajeto de constantes perguntas e formulações, e o acesso dos professores a essa produção, que é dificultado pela fragilidade de sua formação, pela pequena quantidade de livros editados sobre o assunto, sem falar nas inúmeras visões preconcebidas que reduzem a atividade artística na escola a um verniz de superfície, que visa às comemorações de datas cívicas e enfeitar o cotidiano escolar (Brasil, 2000: 31).

Aliam-se a essas questões, apontadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte, a precariedade da formação, as visões preconceituosas sobre a Arte e seu ensino, reforçadas pelas concepções escolanovistas e pragmáticas. Ainda, listam-se a falta de material adequado para as aulas práticas, a falta de material didático, o curto tempo de aula dedicado à disciplina, a questão da polivalência, que mantém o espaço pouco definido da área com relação às outras disciplinas do currículo (Teuber, 2007: 100).

Assim, ao finalizar esse panorama sobre o Ensino de Arte no Brasil, destaca-se que a intenção foi apontar um conjunto de produções na literatura que problematiza a condição de menos-valia que a disciplina e o professor de Arte compartilham na escola.

Soma-se a isso a difícil questão da polivalência, uma vez que não existe na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional a indicação por apenas uma das linguagens artísticas. Em grande parte dos casos, o professor tem sua formação específica em uma das linguagens artísticas e se responsabiliza pelo ensino das demais linguagens, mesmo que isto se traduza inevitavelmente na fragmentação e na simplificação dos conhecimentos artísticos.

Nesse contexto, os materiais didáticos para ensino de Arte constituem um tema ainda pouco explorado nas pesquisas e que tem potencialidades para contribuir nos debates sobre as formas como a disciplina tem sido desenvolvida nas escolas brasileiras.

Procedimentos metodológicos do estudo

A trajetória metodológica se apoiou na estruturação e no acompanhamento de situações formativas sobre o tema dos materiais didáticos, recorte temático que possibilita observar a relação dos professores com os recursos que são utilizados nas aulas. No contexto formativo organizado, optou-se pela produção dos dados empíricos em uma turma composta por dezoito (18) professores de um curso de formação continuada destinado a professores de Arte participantes do Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE) da Secretaria de Estado de Educação do Paraná (Brasil).

Assim, este estudo refere-se a uma pesquisa qualitativa de natureza exploratória. Como já se destacou, são poucos os estudos que se aproximam das salas de aula de Arte para compreender o que pensam os professores sobre os materiais didáticos.

Para a produção dos dados, foram estruturados dois questionários. O primeiro foi composto por oito (8) perguntas abertas que privilegiaram elementos relacionados às experiências profissionais dos participantes quanto ao ensino de Arte. As perguntas visavam obter informações pessoais; sobre a formação do professor; sobre o trabalho docente – aspectos positivos e aspectos de maior dificuldade ou limitação para o trabalho com o ensino da Arte – e sobre o trabalho artístico dos professores participantes.

O segundo questionário foi proposto como um instrumento para mapear materiais usados para ensinar Arte, composto por dezoito (18) questões de múltipla escolha e abertas. Ele foi dividido em três seções, sendo elas: 1) livros didáticos para ensinar arte na educação básica; 2) a escolha de livros para o ensino – identificação dos materiais consultados, se são utilizados e que características são destacadas como necessárias ao livro didático de Arte; 3) materiais educativos para o ensino da Arte.

Os sujeitos colaboradores foram professores de Arte participantes do PDE – Programa de Desenvolvimento Educacional – da SEED e da disciplina Produção Didático-Pedagógica: Pressupostos Metodológicos, ministrada pela pesquisadora, professora de uma Instituição de Ensino Superior do Estado.

O Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE – é uma política pública do Estado do Paraná voltada às atividades da formação continuada dos professores da Rede Pública Estadual de Ensino do Paraná, regulamentado pela Lei Complementar nº 130, de 14 de julho de 2010. O objetivo é proporcionar aos professores subsídios teórico-metodológicos para o desenvolvimento de ações educacionais sistematizadas, que resultem em redimensionamento de suas práticas nas aulas.

As atividades do PDE são realizadas no decorrer de quatro períodos semestrais, distribuídos em dois anos. Em cada um dos períodos, há proposição de produção teórico-prática a ser desenvolvida pelo Professor PDE, sob a orientação de Professores Orientadores das Instituições de Ensino Superior do Estado, de acordo com a área de atuação do professor.

Os quatro períodos de formação compreendem as seguintes atividades: 1) Projeto de Intervenção Pedagógica na Escola - elaboração de um projeto; 2) Produção Didático-Pedagógica - atividade de elaboração de material didático que tenha correlação direta com a implementação na escola; 3) Implementação do Projeto de Intervenção Pedagógica na Escola - retorno do professor à escola; 4) Trabalho Final - apresentado na forma de artigo científico, considerado como trabalho de conclusão do Programa. Consta ainda na programação deste Programa um conjunto de atividades, tais como cursos, seminários, encontros de área, eventos de inserção acadêmica e webconferências.

Alguns resultados obtidos na pesquisa desenvolvida no contexto descrito foram selecionados e encontram-se relatados analiticamente a seguir. Cabe ressaltar que os professores participantes desse estudo realizaram atividades de formação continuada por um período de 32 horas, e o instrumento de pesquisa foi aplicado ao início das atividades. Os participantes autorizaram o uso das informações em trabalhos científicos.

Resultados

Como relatado, o trabalho empírico nesta pesquisa consistiu na aplicação de instrumentos na forma de questionário, com questões de múltipla escolha e outras abertas, a dezoito (18) professores participantes de uma atividade de formação continuada. A análise dos resultados da aplicação do instrumento possibilitou uma aproximação com os sujeitos colaboradores, na direção de identificar suas opiniões e escolhas com relação à presença de materiais didáticos nas aulas de Arte.

A primeira questão da primeira parte do questionário tinha como objetivo mapear alguns elementos relacionados às experiências formativas e com o Ensino de Arte dos participantes. Constatou-se que a quase totalidade dos sujeitos participantes da presente pesquisa (95%) têm mais de quinze anos de magistério, portanto, trata-se de um grupo com formação específica e com bom nível de especialização.

Esses dados devem ser lidos no contexto do projeto do PDE, que privilegia professores da rede estadual com maior tempo de serviço para concessão de elevação de nível na carreira. Destaca-se que:

- 5% dos professores têm entre 10 e 15 anos de experiência (1 professor);
- 50% dos professores têm entre 16 e 20 anos de experiência (9 professores);
- 28% dos professores têm entre 21 e 25 anos de experiência (5 professores);
- 17% dos professores têm mais que 26 de experiência (3 professores).

O grupo pesquisado inclui professores que possuem cursos em nível de pós-graduação. Do total de dezoito (18) professores, treze (13) possuem um curso de especialização; três (3) possuem dois cursos de especialização; e dois (2) possuem três cursos de especialização.

Quanto a suas habilitações, todos os sujeitos participantes do estudo têm formação específica em Arte: onze (11) professores são graduados em Artes Plásticas (Artes Visuais); seis (6) professores são graduados em Música; um (1) professor é graduado em Artes Cênicas.

Quanto ao trabalho como professor de Arte

Na primeira parte do questionário, com relação à pergunta sobre os pontos positivos no trabalho como professor de Arte, podem ser destacadas as seguintes respostas: divulgar a Arte enquanto conhecimento fundamental ao ser humano; a transmissão de conhecimentos, o gosto por lecionar, por trabalhar com jovens, com os alunos e a crença na educação pública.

Quanto aos pontos de maior dificuldade ou limitação para o trabalho com o ensino da Arte, as respostas referem-se na sua grande maioria a questões de estrutura: a falta de sala adequada às práticas artísticas; o número grande de alunos por sala; a escassez de materiais; a falta de materiais didáticos específicos.

Três comentários relativos à disciplina especificamente devem ser destacados: a polivalência, que exige do professor o trabalho com diferentes linguagens artísticas, para as quais não foi necessariamente formado; a discriminação da disciplina, que diz respeito ao entendimento redutor e predominante da Arte como puro entretenimento ou ainda a uma prática que privilegia a espontaneidade e o *laissez-faire*; e a questão do tempo escolar, que não considera o tempo necessário e diferenciado para atender as especificidades do ensino da Arte em relação aos outros conhecimentos.

Observa-se que as condições materiais para o desenvolvimento do trabalho docente ocuparam o espaço principal no que diz respeito às limitações sentidas pelos colabo-

radores. Pode-se compreender que tais condições são incompatíveis com o grau de importância que os professores atribuem aos conteúdos que ensinam, como também com a potencialidade atribuída por eles à disciplina e à educação pública – consideradas fundamentais.

Quanto aos materiais didáticos usados para ensinar Arte

Todos os professores deste estudo afirmaram utilizar materiais de orientação didática para dar aulas; solicitados a identificar alguns desses materiais, a maioria mencionou mais de um livro. A partir destas informações, foi possível identificar seis categorias de materiais. São elas:

- Materiais da rede pública de ensino;
- Livros de História da Arte;
- Livros de Música;
- Livros didáticos de editoras;
- Materiais educativos do Instituto Arte na Escola;
- Livros de teóricos sobre o ensino da Arte.

Das categorias de materiais mais citados pelos professores, destacam-se duas respostas que indicam uma questão relevante diante da ideia do livro didático de Arte. Uma professora, referindo-se ao livro *Descobrimos a História da Arte*, de Graça Proença, diz: “É um livro completo e fácil de ser compreendido”. Outra professora destacou o livro didático público (livro público gratuito distribuído aos alunos do Ensino Médio, nas escolas estaduais do Paraná, publicado em 2006): “Apesar de incompleto, pode ser utilizado em vários momentos”.

Nessa ideia de um livro completo – que apareceu nessas duas respostas dos professores – está contida toda a expectativa sobre o que um livro didático poderia oferecer e todas as necessidades que ele deveria suprir. Pode-se, portanto, identificar uma forma idealizada de olhar para o livro didático, pois mesmo que hipoteticamente fosse possível atender a tudo que se deseja dele, um livro didático nunca será autossuficiente e, por isso, nunca completo.

Na busca por compreender a relação entre os diferentes materiais e a preparação das aulas, perguntou-se sobre os locais em que os professores costumam pesquisar quando querem saber sobre um conteúdo específico, para organizarem suas aulas. Destaca-se a internet, local presente na resposta de todos os professores. Este resultado unânime indica a necessidade de investigações sobre a quantidade e as possibi-

lidades de acesso a materiais específicos para o professor de Arte, assim como uma avaliação para se saber como se dão estas pesquisas realizadas na internet.

Um número significativo de professores, cerca de setenta e sete por cento (77%), defendeu o uso de livros didáticos em Arte, mas todas as respostas apresentaram ressalvas quanto à forma de uso. Entre as opiniões destacam-se:

- *Como uma opção sim, não como regra!* (professor A)
- *Sim, mas usaria somente como suporte.* (professor B)
- *Até que sim, desde que eu não tenha que segui-los fiel e rigorosamente.* (professor C)
- *Penso que o livro didático é um apoio ao professor, mas acredito que o professor deve ter a liberdade para escolher o que lhe interessa.* (professor D)
- *Pode ser útil, mas não deve prender ou direcionar as aulas* (professor E)

Assim, pode-se afirmar que, contrariando a afirmação de senso comum de que os livros podem tornar-se o guia principal das ações docentes, ou, ainda, que o professor deve adotar uma postura passiva em relação a eles, a pesquisa permitiu constatar que todos os que expressaram opinião positiva indicaram em seus comentários restrições com relação ao uso do livro didático, descrevendo-o como um recurso eventual de apoio para o desenvolvimento do trabalho docente em sala de aula.

De forma geral, os professores entendem que o uso dos livros didáticos de Arte em sala de aula tem um grande peso no processo de construção de referenciais teóricos e imagéticos por parte dos alunos. Ao explicarem suas opiniões sobre a necessidade do uso do livro didático de Arte, indicaram sua relevância como fonte para a pesquisa e como fonte de acesso às reproduções de obras de Arte que, significativamente, o livro pode ocupar no processo de ensino e aprendizagem dos alunos.

Para além disso, duas professoras afirmaram que preferem produzir seus próprios materiais didáticos. Uma destas professoras diz: *“Em geral não gosto [dos livros didáticos]. Prefiro preparar uma ‘colcha de retalhos’, pois cada turma tem especificidades”*. Trata-se de um critério relevante usado para justificar por parte destas professoras a decisão de construir seus próprios materiais; e pode ser tomado como uma evidência de que corroboram a ideia de que o professor pesquisa, reelabora informações e recursos pedagógicos pensando em seus alunos e, desse modo, insere o material didático como uma das diversas possibilidades de organizar o ensino.

Isto é especialmente importante, principalmente numa área que – grosso modo – não conta com quantidade e diversidade de materiais disponíveis, segundo os colaboradores informaram, e que apenas em 2015 foi incluída no PNLD para o Ensino Médio. Contraditoriamente, e talvez advindo desta condição adversa e da evidente necessidade de melhores condições objetivas de trabalho, esse tenha sido o elemento estimulador que incluiu a criação de materiais em sua prática docente.

Quanto à escolha de livros para o ensino de Arte

Com relação à pergunta “Que elementos consideram essenciais para um bom livro a ser usado por seus alunos?”, os aspectos apontados pelos colaboradores foram os seguintes:

- a linguagem acessível e clara (oito comentários);
- as sugestões de atividades consistentes (seis comentários);
- o uso de imagens de boa qualidade (seis comentários);
- os conteúdos corretamente organizados (quatro comentários);
- a presença de metodologias novas (três comentários);
- as indicações de referências e *links* (dois comentários);
- a observação do espaço cotidiano (um comentário).

Quanto aos elementos considerados como falha ou problema grave em um livro didático para o ensino da Arte, foram categorizados cinco grupos de questões:

- relativas às atividades (seis comentários);
- relativas à linguagem (cinco comentários);
- relativas à História da Arte (quatro comentários);
- relativas à polivalência (três comentários);
- relativas à relação texto/imagem (dois comentários).

Pode-se constatar que, na avaliação dos tipos de atividades apresentados nos livros didáticos, os professores revelaram sua desaprovação às tarefas que respondem mais a atividades de técnica e práticas artísticas, principalmente por que algumas delas são inviáveis para as condições de suas salas de aula; e apontam para a possibilidade de exercícios de outra natureza, com problematizações e fundamentação teórica consistente.

Quanto à linguagem dos textos, ficou evidenciada a preocupação dos professores com o grau de dificuldade de interpretação e leitura por parte dos alunos. A maioria dos comentários chama a atenção para a necessidade de uma linguagem acessível, clara e não acadêmica, ou seja, da adequação dos textos ao nível de compreensão dos alunos, problema que coincide com resultados encontrados por pesquisas sobre os livros didáticos em outras disciplinas escolares (como os realizados no Núcleo de Pesquisa em Publicações Didáticas/UFPR).

Outro ponto evidenciado diz respeito à crítica quanto à forma de apresentação não cronológica da História da Arte, opinião que pode ser tomada como indicativa da experiência escolar anterior dos professores, tanto em sua formação quanto no contato com materiais tradicionalmente produzidos e que mantêm certa perspectiva historiográfica que se transfere para todas as disciplinas escolares (como evidenciado por Chaves e Garcia, 2016).

A respeito da polivalência, alguns professores mencionaram, em forma de crítica, uma tendência presente nos livros de ressaltarem determinada linguagem artística, de modo geral, as Artes Visuais. Nesse contexto, pode-se afirmar que o tratamento desigual dado às diferentes linguagens artísticas, presente em alguns livros didáticos, influencia o ensino de Arte, seja do ponto de vista dos conteúdos de ensino, seja privilegiando concepções e abordagens e, portanto, contribuindo assim para reduzir o conhecimento artístico a certos elementos constitutivos de determinada linguagem.

Quanto aos materiais educativos disponibilizados em exposições de Arte

Nesta questão, destaca-se o número significativo de professores que não conhecem ou não utilizam materiais educativos distribuídos, por exemplo, em ações educativas de museus, exposições e em grandes eventos artísticos, como a Bienal de São Paulo ou Bienal do Mercosul. Inicialmente, destaca-se o desconhecimento de cerca da metade dos professores sobre este tema. Este pode ser um indício de que estes professores não frequentam espaços expositivos e, portanto, da distância que pode estar evidenciada aqui entre a produção da Arte e o ensino de Arte, no caso destes colaboradores. Também pode ser indiciária da ausência de diálogo entre o museu e/ou outros espaços de Arte e a escola como um lugar institucionalizado em que existe uma disciplina de ensino de Arte.

O contato feito com os professores no curso de formação continuada permite afirmar que a grande maioria dos professores não conhecia as atividades educacionais, voltadas para o público escolar, que são desenvolvidas no maior e mais consagrado museu da cidade onde o curso se realizou. Uma das atividades desenvolvidas durante o curso “Produção didático-pedagógica: pressupostos metodológicos” foi uma visita ao Setor de Ação Educativa do Museu Oscar Niemeyer, localizado na cidade de Curitiba, Estado do Paraná, Brasil (MON). Ao provocar o estreitamento das relações dos professores com os projetos, com as oficinas, com o espaço da ação educativa e com materiais educativos produzidos e disponibilizados pelo Setor, a grande maioria dos professores deste grupo afirmou desconhecer as atividades ali realizadas.

Em contrapartida, para os professores que conhecem e utilizam os materiais produzidos em museus e exposições – a minoria, neste caso –, a compreensão das relações que podem ser estabelecidas a partir destes materiais expressa a possibilidade de um ensino de Arte que foge do padrão eurocêntrico da História da Arte – cuja narrativa é

universal, descrita na arte “branca”, masculina, moderna e contemplada pelas escolas artísticas do final do século XIX.

Cabe chamar a atenção para o que, segundo Mirian Celeste Martins, trata-se do “olhar de missão francesa, preso a valores acadêmicos da Arte, ainda presente nas escolas como a melhor e verdadeira Arte.” (Martins, 2011: 312). A inferência de que as professoras mais aproximadas das atividades de museus tendem a se opor a este modelo está sustentada nos comentários realizados pelas professoras ao serem questionadas sobre a utilização de materiais educativos disponibilizados em museus e exposições.

Na avaliação de uma professora, por exemplo, foi destacada a “ótima *qualidade dos materiais*” distribuídos em museus e também “*a possibilidade de encontrar artistas que muitas vezes não são abordados*”, fugindo assim das celebridades – legitimadas e consagradas – do mundo artístico e da maioria das publicações. Outra professora, em seu comentário, menciona os catálogos sobre Arte brasileira distribuídos em exposições, além dos materiais educativos do MON referentes aos artistas locais, e certifica: “*bem mais interessantes que os livros de editoras*”.

Para finalizar, é interessante destacar que as professoras que conhecem, utilizam e têm opiniões marcantes sobre os materiais educativos disponibilizados pelos museus e espaços de Arte são as mesmas que incluem a criação de materiais em suas práticas docente.

Considerações finais

Esse conjunto de resultados permitiu, de forma indiciária como pretendido, estabelecer alguns elementos de debate para as relações entre professores de Arte e livros e materiais didáticos.

Primeiramente, destaca-se que as condições materiais para o desenvolvimento do trabalho docente ocuparam o espaço principal no que diz respeito às limitações sentidas pelos colaboradores, mostrando avaliações fortemente marcadas pelas condições objetivas de exercício da profissão. Tais condições (falta de sala adequada às práticas artísticas, local para armazenar trabalhos e materiais, excesso de alunos por sala de aula, escassez de materiais, entre outras) revelam as intenções dos professores e as dificuldades enfrentadas sobre a materialização de suas práticas. Esta é uma constatação que dá visibilidade à distância existente entre a Arte que está presente nos museus, nas galerias, nas cidades, no cotidiano e a Arte como disciplina escolar. Essa questão, também, evidencia como a produção do conhecimento artístico acaba sendo um elemento ausente na vida cotidiana dos professores de Arte e, consequentemente, como a dicotomia entre pesquisa e docência limita e desestimula os professores.

Um segundo aspecto que aqui cabe destacar é que, de diferentes formas, alguns professores que colaboraram com a pesquisa evidenciaram a ideia de que os profes-

sores são produtores do conhecimento sobre o ensino. Tais professores utilizam e posicionam-se criticamente frente à produção de materiais paradidáticos disponíveis em espaços artísticos e optam pela criação de seus próprios materiais educativos para o ensino em sala de aula. Essa necessidade – manifesta por alguns professores – está em perfeita sintonia com as ideias preconizadas pelos especialistas da área.

Nesse sentido, numa área que, grosso modo, não contava com materiais disponíveis e, talvez advindos da condição adversa e da evidente necessidade de melhores condições objetivas de trabalho, revelaram-se indícios de que, nas práticas educativas dos professores de Arte, estão inseridos os processos de produção de materiais didáticos.

O que se coloca em destaque, aqui, são os resultados desse estudo, que possibilitaram conhecer a posição dos professores colaboradores em relação aos materiais didáticos de Arte, apontando para essa possibilidade de o próprio professor produzir seu material. Ficou evidente na pesquisa que o professor pesquisa, conhece materiais de diversas categorias, critica-os, escolhe, relaciona e reelabora informações e recursos pedagógicos e, desse modo, insere o material didático como uma das diversas possibilidades de ensino.

Uma das problemáticas ao se olhar os materiais didáticos com a concepção do professor como um produtor de seus próprios materiais é que ela orienta questões sobre os próprios processos de formação dos professores. Assim, é necessário apontar para os cursos de formação de professores, e que estes destinem tempo a lidar com a questão dos livros didáticos, e ainda que proponham investigações com os professores sobre os livros e sobre outros materiais didáticos ou paradidáticos existentes.

Referências

- Apple, Michael. (1995) Cultura e comércio do livro didático. In: Apple, M. W. *Trabalho docente e textos: economia política das relações de classe e de gênero em educação*. Porto Alegre: Artes Médicas. 81-105.
- Barbosa, Ana Mae. (2008) *Ensino da arte: memória e história*. São Paulo: Perspectiva.
- Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. (2000) *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Buoro, Ana Bueno. (2003) *Olhos que pintam, a leitura da imagem e o ensino da arte*. São Paulo: Educ / Fapesp / Cortez.
- Chaves, Edilson; Garcia, Tânia Braga. (2016) Jovens, conhecimento e livro didático de História em uma Escola do Campo. In: Garcia, Tânia Braga; Bufrem, Leilah Santiago; Gehrke, Marcos (Eds.). *Leituras. Escola do Campo e textos: propostas e práticas*. Ijuí: Editora Unijuí. 315-355.
- Forquin, Jean Claude. (1993) *Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.

- Garcia, Tânia Braga; Teuber, Mauren. (2015) *Relações entre Ensino e Pesquisa*: questões para a formação do Professor de Arte. In: XII Educere. Formação de Professores, Complexidade e Trabalho Docente. Curitiba.
- Honorato, Cayo. (2011) *A formação do artista*: conjunções e disjunções entre arte e educação. 200 f. Tese (Doutorado em Educação) – Setor de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Loponte, Luciana. (2005) *Docência artista*: arte, estética de si e subjetividades femininas. 208 f. Tese (Doutorado em Educação) – Setor de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Loponte, Luciana. (2010) Arte/educação/arte: afinal, quais são as nossas inquietudes? In: Dalben, Ângela; Diniz, Júlio; Santos, Lucíola (Org). *Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente*. v. 1, 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica. 226-244.
- Martins, Mirian Celeste. (2011) Arte, só na aula de arte? *Revista Educação*. Rio Grande do Sul.
- Penna, Maura. (2007) Não basta tocar? Discutindo a formação do educador musical. *Revista da ABEM*. Porto Alegre.
- Romanelli, Guilherme; Teuber, Mauren; Ribeiro, Paulo; Schlichta, Consuelo. (2016) *A seleção dos livros didáticos de arte pelo PNLD*: análise e uso em sala de aula. Colômbia: International Association for Research on Textbooks and Educational Media.
- Rossi, Maria Helena. (2014) A pesquisa no campo da arte-educação visual e o ensino da arte na educação básica. *Revista GEARTE*, Porto Alegre.
- Schlichta, Consuelo. (2009) *Arte e educação*: há um lugar para a Arte no Ensino Médio? Curitiba: Aymará.
- Teixeira, Rosane; Bufrem, Leilah; Garcia, Tânia Braga (2012) O livro didático de alfabetização no cotidiano escolar. Curitiba, Conferência Regional IARTEM BRAZIL - NPPD/UFPR, *Caderno de Resumos*, 109-110. Disponível em: <<http://www.nppd.ufpr.br/nppd/wp-content/themes/nppd/arquivos-iarthem/caderno-resumo-abstracts.pdf>>. Acesso em 20 ago. 2012.
- Teuber, Mauren. (2004) *Concepções e práticas artísticas na escola*: a situação das aulas de artes nas escolas estaduais da região central de Curitiba. Monografia (Pós-Graduação em Ensino de Artes Visuais). Universidade do Estado de Santa Catarina, UDESC. Florianópolis.
- Teuber, Mauren. (2007) *Reflexos e reflexões sobre a proposta triangular no ensino da arte* nas escolas municipais de Curitiba de 5ª a 8ª séries. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Paraná. Curitiba.

Biographical notes

Mauren Teuber has a Ph.D. degree at the Paraná Federal University, Brazil, having studied, during the Ph.D., at the Florida State University, in the Department of Art Education, as a CAPES / FULBRIGHT scholar. Professor of the Art Education Major at the Paraná State University. She can be reached on email at maurenteuber@gmail.com.